

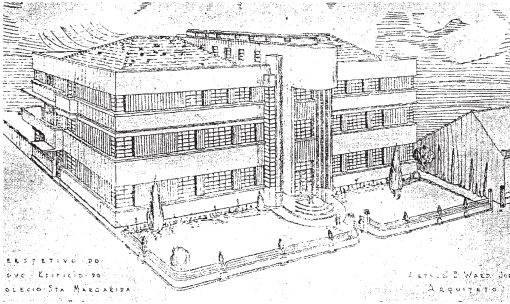
O ÚLTIMO ECLÉTICO

Andrey Rosenthal Schlee

O presente artigo foi extraído da dissertação de mestrado “O ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 30 e 40”, desenvolvida junto ao PROPAP, sob orientação do prof. Dr. Günter Weimer e defendida em 1994. Busca analisar as características peculiares da produção arquitetônica pelotense e as transformações decorrentes do abandono dos padrões historicistas e da implantação de uma arquitetura chamada moderna em Pelotas.

Entre os anos de 1930 e 1950¹, foram protocolados e analisados na Prefeitura Municipal de Pelotas 3509 projetos, entre construções novas (1240) e reformas e/ou ampliações (2269); ou seja, uma média de apenas 175 projetos/ano. Durante essas duas décadas, Pelotas assistiu a um período lento de evolução e de depuração de sua arquitetura. Uma pequena revolução estética ou apenas parte de um período de transformação permanente pelo qual passou a cidade, e que lhe conferiu uma nova fisionomia, não mais colonial, não mais totalmente eclética, mas agora um pouco mais “moderna”, no mesmo sentido em que o ecletismo foi moderno frente ao passado colonial; porém, ainda afastado do modernismo da arquitetura européia e, principalmente, do corbusieano. Uma nova arquitetura que procurava adequar-se frente a uma intensa crise financeira, frente a uma série de modificações estruturais da sociedade e frente às novas opções técnicas e estéticas que se apresentaram a partir da década de 30. É dessa forma que passaram a conviver lado a lado, sem nenhum conflito aparente, obras que podem – e devem – ser chamadas de ecléticas, na medida em que ainda buscavam a recuperação de elementos da arquitetura do passado; e outras, que podem ser chamadas de modernas, na medida em que buscavam abandonar qualquer referência





1
Perspectiva do Colégio Santa Margarida. Rua Anchieta, 1274.
Projeto de Arthur B. Ward Jr. e execução de Affonso Goetze Jr.
 Reprodução da perspectiva original, arquivada na Prefeitura Municipal de Pelotas.

ao passado e construir uma arquitetura apenas ditada pela plasticidade, pela economia e na qual não havia mais lugar para a ornamentação.

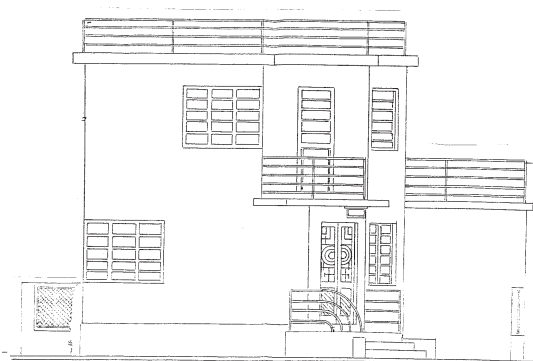
O ano de 1934 parece fundamental neste processo evolutivo, pois foi quando foram construídos o Edifício Glória (primeiro edifício projetado com mais de quatro pavimentos²), o Colégio Santa Margarida e a residência de J. B. Barcellos.

O Colégio Santa Margarida foi projetado pelo arquiteto Arthur B. Ward Jr. e executado pelo engenheiro Affonso Goetz Jr., a pedido da Igreja Episcopal Brasileira, para servir de local de instrução e de ensino em regime de internato (Fig. 1). Trata-se de um grande bloco retangular de três pavimentos interseccionado por um corpo ou transepto de quatro pisos que o divide transversalmente em duas porções iguais e marca o plano de simetria especular. Esse engastamento de dois blocos de dimensões e alturas diferentes poderia tornar-se apenas uma operação de composição acadêmica caso o corpo central não possuísse suas fachadas curvas, apresentando o aspecto de um cilindro interrompido ou subtraído em sua parte central, resultando em tambor que coroa a edificação, marca o acesso principal, hierarquiza a construção e confere-lhe grande leveza. Leveza que é reforçada através da utilização de janelas de canto e de duas faixas verticais (elementos envidraçados que se desenvolvem ao longo dos três pavimentos e que fazem a ligação entre o bloco longitudinal e o transversal). Se a fachada principal, voltada para a rua Anchieta, é simétrica e bastante rígida, a lateral, voltada para a rua D. Pedro II, é completamente assimétrica e ligeiramente perturbada por sacadas cegas de púlpito que se projetam levemente.

O Santa Margarida inaugurou a arquitetura moderna em Pelotas, com seu desenho preciso, suas linhas verticais e horizontais marcantes, com suas faixas de janelas ritmadas, com aberturas de canto, e com a inesperada e inovadora parte central, de maneira que, ainda hoje, chama a atenção pela qualidade de sua arquitetura.

A primeira residência a ser chamada de moderna em Pelotas foi projetada por Affonso Goetz Jr. para J. B. Barcellos, na rua Almirante Barroso esquina Barão de Butuí (já demolida - Fig. 2). De imediato, pode ser relacionada com a arquitetura realizada por Adolf Loos, em Viena, na década de dez, ou por Gregori Warchavchik, em São Paulo, nos anos vinte. Uma composição assimétrica elaborada sobre um jogo de volumes simples, recortados e escalonados (que dava origem a sacadas, terraços e ao pórtico de entrada); completamente desprovida de elementos decorativos (só permitidos na ferragem da porta principal); e coberta por uma laje plana, toda ela protegida por um guarda-corpo (espécie de platibanda) em ferro, que se repetia nas sacadas, no terraço sobre a garagem e no pórtico de entrada. As janelas, inclusive as de canto, distribuíam-se livremente e assumiam dimensões e desenhos distintos conforme a função do compartimento que iluminavam e ventilavam.

A adoção dessas soluções assegurou à construção uma aparência completamente incomum para Pelotas de 34. Internamente, porém, Goetz



2
Residência do Sr. J. B. Barcellos (1934). Rua
Barão de Butuí esquina Alm. Barroso. Projeto e
execução de Affonso Goetze Jr.
 Reprodução do projeto original, arquivado na Prefeitura Municipal de Pelotas.

Jr. reproduziu o esquema tradicional distributivo das *villas* residenciais, com as quais estava bastante familiarizado: zoneamento de funções, hierarquização do programa de necessidades, independência dos diversos ambientes e valorização da sala de jantar – que neste prédio recebeu uma janela que formava um ângulo obtuso com a sala. Pode-se dizer que a obra, por mais pioneira que possa parecer é, sem dúvida alguma, resultado da evolução da arquitetura residencial das *villas*, com a aplicação de alguns conceitos funcionalistas – como a idéia de que a beleza de uma fachada deva resultar da racionalidade da planta – e com a abolição dos elementos decorativos e ornamentais.

Goetz Jr. projetou uma nova residência em 1935 (também já demolida - Fig. 3), vizinha à de 34. No entanto, foi evidente a retração das propostas modernistas – ao contrário de Warchavchik, que a partir da Casa da rua Sta. Cruz pôde aperfeiçoar sua técnica e sua arquitetura. O esquema da planta proposto é o mesmo, a cobertura plana foi substituída por telhado em várias águas, a simetria voltou a dominar a composição e a sala de jantar recebeu uma *bow-window*. Em 1940, o mesmo engenheiro projetou a residência de A. S. Costa (rua Sta. Tecla s/nº. - Fig. 4), adotando novamente a mesma planta da casa de 34, mas reassumindo completamente, nas fachadas, a arquitetura de estilos, propondo-a com um aspecto “colonial” ou com “motivos sevilhanos” (telhas de barro em forma de peito de pombo, azulejos decorados, quadrilóbalos, colunas torsas, sacadas de púlpito gradeadas, arcos plenos, etc.), o que demonstra que, se internamente ocorreu uma evidente transformação e adequação das plantas baixas e esquemas tipológicos, externamente o modernismo – para Goetz Jr. – não passava apenas de mais uma opção estilística disponível, ou seja, da mesma forma com que projetou as primeiras residências modernas, poderia projetá-las coloniais, californianas, mexicanas etc.

Ao Colégio Santa Margarida e às casas de Affonso Goetz Jr., seguiram-se inúmeras outras construções, que também podem ser identificadas como modernas: a Sociedade Cooperativa União Rural (1934), de Curt Rheingantz; o Rex-Hotel (1938), da firma Haessler & Woebcke; o edifício sede do Sanatório Roxo, atual Clínica Olivé Leite (1938), construída por Affonso Goetz Jr.; o Colégio Assis Brasil (1939 - Figs. 5 e 6), de João Baptista Pianca; a sede do Clube Diamantinos (1940), construída por Alberto Sampaio; o Templo Adventista (1946), de Ayres Seixas; a Laneira do Brasil (1949), de Paulo Ricardo Levacov.

Desses programas, bastante comuns, apenas o Templo Adventista (da rua Sta. Cruz, demolido em 2001) pode ser comparado com outras edificações para o mesmo fim (culto religioso), construídas na mesma época: os templos batistas da Av. Duque de Caxias e da Av. Bento Gonçalves. Analisados em conjunto, apresentam características comuns: são construções de pequeno porte, bastante simples, isoladas nos respectivos lotes, apresentam o mesmo recuo de ajardinamento de 4m, naves retangulares com aproximadamente oitenta metros quadrados e disposição



3

Residência do Sr. J. B. Grande (1935). Rua Alm. Barroso entre Barão do Butuí e Lobo da Costa. Projeto e execução de Affonso Goetz Jr.

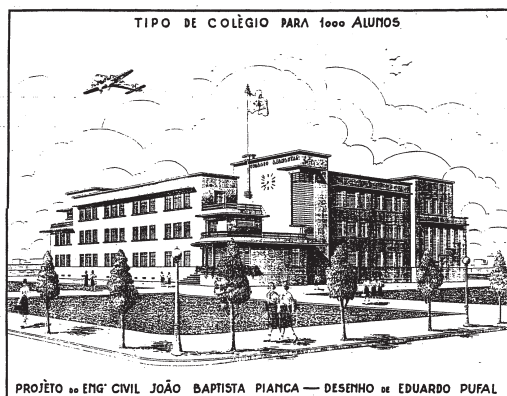
Reprodução do projeto original, arquivado na Prefeitura Municipal de Pelotas.



4

Residência do Sr. A. S. da Costa (1940). Rua Barão de Santa Tecla s/n. Projeto e execução de Affonso Goetz Jr.

Reprodução do projeto original, arquivado na Prefeitura Municipal de Pelotas.



5

Perspectiva do Colégio Assis Brasil (1939). Rua Antônio dos Anjos, 296. Projeto de João Baptista Pianca, desenho de Eduardo Pufal e execução de Haessler & Woebcke.

Reprodução do projeto original, arquivado na Prefeitura Municipal de Pelotas.



6

Detalhe do Colégio Assis Brasil (1939). Rua Antônio dos Anjos, 296. Projeto de João Baptista Pianca, desenho de Eduardo Pufal e execução de Haessler & Woebcke.

Foto do autor.

de aberturas idênticas (porta principal entre duas janelas e nave única iluminada por seis aberturas). Porém as fachadas são completamente diferentes. As dos batistas possuem aspecto eclético, com elementos de decoração característicos da arquitetura religiosa e com arcos plenos em um templo e ogivais em outro. Já no templo adventista, toda a decoração exterior foi suprimida. Trata-se de uma fachada despojada, escalonada, toda revestida de cimento e mica, e tendo sobre a porta uma inscrição com as tradicionais “letras modernistas”. Pergunta-se então, quais os motivos que levaram Ayres Seixas a optar por uma simplificação tão drástica na maneira como elaborar a sua fachada? Mais uma vez, os atributos que caracterizam a arquitetura moderna em Pelotas aparecem como uma questão de simples escolha entre acabamentos estilísticos diferentes e disponíveis.

Essa vontade de possuir ou construir um prédio moderno fica também evidente quando se estudam os projetos de reformas e/ou aumentos protocolados na Prefeitura. Ao todo chegam ao número de 2269, e podem ser divididos em quatro grandes grupos: um primeiro, que compreende todo tipo de aumento e melhorias nas habitações (número de compartimentos, dimensões de peças, construção de garagens, etc.); um segundo, que engloba as reformas decorrentes de exigências legais (construção de marquises, de muros, etc.); um terceiro, que abarca as melhorias de origem higiênica ou de conforto ambiental (construção ou adequação de banheiros, transformação de clarabóias em antigas alcovas ou de alcovas em áreas de luz, etc.); e um quarto, que reúne todo tipo de obras (reformas ou aumentos) que visam sobretudo a uma melhoria ou transformação de ordem estética (modificação total ou parcial do estilo de uma fachada; substituição de platibandas vazadas e decoradas por outras cegas; remoção de elementos decorativos aplicados às fachadas; construção de janelas de canto em compartimentos que já possuíam aberturas em número e dimensões suficientes; arredondamento de cantos de edificações – principalmente de arestas junto às portas principais).

Em 1949, o arquiteto Júlio Delanoy projetou para B. M. de Oliveira uma residência. Tratava-se originalmente de uma moradia – segundo consta no projeto – “colonial” (do que tinha muito pouco, parecendo muito mais uma residência do então chamado “estilo mexicano”). Não satisfeito, no mesmo ano, o proprietário protocolou um pedido de alteração do projeto de Delanoy, mudando-lhe completamente a concepção e, inclusive, o responsável técnico (engenheiro Álvaro Soares Filho, de Porto Alegre). A nova proposta escondeu o telhado – antes aparente –, modificou o desenho das aberturas, acabou com os ornamentos, conferindo à construção um ar sóbrio, pesado e completamente oposto ao da proposta anterior: “moderno”, como passou a constar no projeto.

A operação realizada por B. M. de Oliveira demonstra claramente que não existia nenhuma base conceitual ou teórica quando das escolhas estilísticas, dominadas unicamente pelo gosto ou moda. Como aconteceu quando do abandono das soluções identificadas com a arquitetura colonial

na metade do século XIX, mais uma vez podemos identificar em Pelotas três níveis distintos de construções: um nível visual, que corresponde às construções que sofreram modificações ou reformas e passaram a apresentar fachadas “modernas”; um nível virtual³, com edificações já construídas com aspecto externo moderno mas internamente mantendo os padrões arcaicos; e um nível real, construções que foram concebidas e continham todas as condições externas e internas essenciais de um prédio moderno.

O próprio Código de Construções de 1930⁴ refletia esse espírito eclético, quando postulava a necessidade de uma arquitetura “harmônica e estética” e admitia projetos de edifícios especiais de “qualquer estilo”, não permitindo “a pintura de um mesmo motivo arquitetônico com cores diversas, nem o uso da cor branca”. Por outro lado, determinava que as frentes dos lotes – no alinhamento dos logradouros públicos – deveriam ser ocupados por “edifícios de agradável estilo arquitetônico”.

As questões referentes a escolhas estilísticas mostram-se mais recorrentes quando analisados os prédios destinados a habitação. Dos 1240 projetos novos, protocolados junto à Prefeitura Municipal, 920 (74%) eram residenciais, dos quais a maioria reproduzia os padrões e soluções ecléticas (utilizando os mais variados elementos lexicais extraídos das mais diferentes épocas e regiões). Os esquemas tipológicos tradicionais dos períodos anteriores foram mantidos, praticamente, sem nenhuma transformação, ou seja, continuaram a ser construídas casas de porta-e-janela, de meia-morada e de morada-inteira.

No entanto, algumas residências térreas construídas sobre os limites dos lotes e/ou com recuo lateral receberam novos tratamentos de fachada: deixaram de ser empregados os elementos ornamentais clássicos (volutas, folhas de acanto, pinhas, vasos, etc.); os frontões e as pilastras passaram a ser utilizadas de maneira mais livre, assimétrica e, na maioria das vezes, assumiram a dimensão de apenas uma das aberturas; os capitéis compósitos foram substituídos por outros que não correspondem a uma ordem determinada (variando entre motivos florais ou geométricos); e as aberturas receberam caixilhos bastante elaborados, com desenhos bastante geométricos.

A partir do início da década de 40, os elementos ornamentais foram completamente suprimidos, e as residências passaram a ser caracterizadas por sua simplificação formal; pelos revestimentos lisos (sem trabalhos de massa), ou em cimento e mica ou cimento penteado; pela marcação de algumas linhas horizontais sobre as platibandas (totalmente cegas), sobre as aberturas (pequenas marquises) ou sob os peitoris; e, pelo arredondamento dos cantos vivos junto às portas principais recuadas em relação ao restante da fachada.

Os palacetes de morada inteira e porão alto deixaram de ser construídos, e a opção de moradia para as classes abastadas se restringiu às *villas* (sobrados pitorescos) ou às casas térreas isoladas no lote e em meio a um jardim. Estas, além do componente paisagístico, eram

caracterizadas pela adoção de um estilo que fazia referência a uma determinada região (colonial brasileiro, espanhol, mexicano, californiano, sevilhano, entre outros), que variavam segundo a utilização, em maior ou menor grau, dos seguintes elementos: varandas em arco, telhados à vista, apliques de pedras irregulares sobre o reboco, molduras de tijolos ao redor dos arcos e aberturas, sacadas de púlpito, grades de ferro trabalhado, nichos para colocação de estátuas nas paredes externas, coberturas em várias águas, fachadas com vários planos, etc.

Internamente, as casas térreas isoladas procuravam adaptar os esquemas tradicionais de moradia aos novos tempos. No entanto, não apresentaram nenhuma inovação para a consolidação de uma arquitetura moderna, principalmente se comparada com as *villas*. “As soluções mais complexas teriam que aguardar as oportunidades surgidas com a ampliação do movimento moderno.”⁵

Ainda dentro de uma tendência eclética, desenvolveram-se os *bungalows*. A palavra *bungalow* teve origem na Índia e deriva de *bānglā* que designava casas baixas com galerias ou varandas em seu redor. Passou a ser utilizada pelos colonizadores ingleses para indicar pequenas residências urbanas de um pavimento e para diferenciá-las dos *cottages* – pequenas casas rurais. No Brasil, a expressão foi aportuguesada para bangalô – “pequena residência provida de varanda alpendrada, pretensiosamente pitoresca e geralmente levantada em bairros da cidade.”⁶ Os *bungalows* representam apenas mais uma opção para moradia da classe média, que podia contar com uma pequena residência reproduzindo os modelos da habitação burguesa em uma escala reduzida – jardins, chaminés, estilos, etc.

Paralelamente à proliferação de modelos habitacionais identificados com a reprodução de estilos os mais variados, desenvolveu-se desde 1934 (tendo Affonso Goetz Jr. assumido o papel de pioneiro) uma arquitetura reconhecida como moderna e que, como foi citado, atingiu tanto obras públicas como privadas. É a opção moderna da arquitetura pelotense. E que permite falar em Terceiro Período Eclético⁷ ou Primeiro Período Moderno da arquitetura pelotense. Uma arquitetura de estereometria simples e elementar, que utiliza volumes definidos e puristas, que adota procedimentos aditivos, que explora o escalonamento de massas e que reduziu a decoração ou ornamentação a pequenos frisos de acabamento, ao uso de letras padronizadas (“letras modernistas”) e a mastros de bandeiras.

Do ponto de vista das relações com o lote, apresenta recuos laterais, recuos frontais de ajardinamento (inclusive em prédios industriais como o da Laneira do Brasil) e mantém um rígido paralelismo com os limites do terreno, o que, segundo Nestor Goulart Reis Filho, indica uma ligação com os padrões das construções tradicionais, mas que na verdade, era uma exigência legal do Código de Construções de 1930 (Artigo 37).

Se for feita uma analogia entre as nove características da “nova arquitetura brasileira”, listadas por Yves Bruand⁸ – arquitetura de concreto

armado, artesanal, racionalista, simbólica da monumentalidade, da plasticidade, de leveza e da riqueza decorativa – torna-se possível observar, sobre a arquitetura moderna produzida em Pelotas, o seguinte:

1. É uma arquitetura de tijolos de barro, caracterizada pela utilização, constante, de sistemas estruturais simples em alvenaria portante, sem uma exploração estética. Em prédios de dois pavimentos ocorreu o emprego de um sistema misto de paredes portantes sustentando vigas e lajes de concreto; e, nos edifícios em altura, o emprego de um sistema de massa ativa (lajes, vigas e pilares);

2. É uma arquitetura artesanal, na qual existe uma rejeição de elementos padronizados preexistentes, muito mais devida à dificuldade de acesso às diversas tecnologias, aos novos materiais e a produtos industrializados, do que por um domínio da personalidade do projetista;

3. É uma arquitetura que não buscava afirmação através da novidade ou da ousadia: trabalha com materiais simples e disponíveis, com elementos tradicionais, e se apóia em sentimentos de ordem e equilíbrio, regulada pela razão;

4. É uma arquitetura na qual não existe uma vontade manifesta de dar às obras um sentido simbólico explícito, mas uma constante busca de caracterização dos prédios e da identificação visual da função do edifício;

5. É uma arquitetura preocupada com a aparência externa das obras, não no sentido de auto-afirmação ou da busca de realizações espetaculares, mas sobretudo visando à durabilidade da construção, sua boa execução e sua fácil manutenção – postura necessária quando se trata de uma arquitetura adaptada ao clima de Pelotas. Por isso, o uso de cantos arredondados, marquises, materiais nobres (principalmente junto aos andares térreos, que são os mais atingidos pela umidade), argamassas de boa qualidade acrescidas, muitas vezes, de pó de pedra ou mica (o que dispensa a pintura) e a rejeição dos grandes panos de vidro (substituídos por conjuntos de esquadrias de ferro);

6. É uma arquitetura de volumes retangulares bastante definidos, puros, simples, e cuja plasticidade não resulta de uma pesquisa formal ou da exploração das qualidades estéticas dos materiais construtivos, principalmente do concreto armado (só utilizado para fins estruturais);

7. É uma arquitetura de clareza perfeita, compreensível à primeira vista. Sua inspiração, na base de figuras simples, é sensível tanto no tratamento dos volumes e de massas quanto das superfícies;

8. É uma arquitetura tectônica, no sentido que lhe é dado pela tratadística clássica, ou seja, de uma construção solidamente sustentada e que deixa evidente a sua relação com o solo na qual se apóia – portanto, transmitindo uma idéia de peso e de densidade, se comparada com a “leveza” da arquitetura dos “cariocas”;

9. É uma arquitetura “asséptica”, se é que se pode utilizar essa expressão para caracterizar uma arquitetura. O desejo expresso de realizar uma arquitetura livre de excessos ornamentais e das referências da arquitetura do passado fez que a preocupação com a “decoração” fosse

canalizada para o “bom desenho” ou para a busca da beleza dos acessórios e acabamentos imprescindíveis de uma obra (gradis, corrimãos, venezianas, portas, etc.); na utilização de materiais de revestimentos com qualidade; na adoção de letras padronizadas através das quais eram indicados os nomes dos prédios públicos e ainda na constante utilização de mastros de bandeiras – inclusive em edifícios habitacionais (reflexo da situação política nacional).

Se comparada com as características da arquitetura carioca de “vertente corbusieana”, definidas por Carlos Eduardo Dias Comas⁹, pode-se afirmar sobre a arquitetura moderna produzida em Pelotas, de 1930 a 1950:

A. É uma arquitetura que ignora a obra de Le Corbusier. Apesar de, na década de 30, esse arquiteto já ter lançado a grande maioria das propostas e postulados que caracterizam sua obra e a arquitetura mundial das décadas posteriores: as casas DOMINO (1914), as *immeubles-villas* (1922), o livro *Vers une architecture* (1923), os traçados reguladores (1923), o livro *Urbanisme* (1925), os cinco pontos de uma arquitetura moderna (1925), a *Villa Stein* (1927) e a *Villa Savoie* (1929);

B. É uma arquitetura que se fez à margem da elaborada pelos “cariocas” e que, portanto, ignora os postulados de Lúcio Costa – Razões da nova arquitetura (1934) – e a contribuição edificada de seus companheiros.

As características citadas por Comas só iriam aparecer a partir de 1950, difundindo-se lentamente até a década seguinte. Os anos de 1930 e 1940 permaneceram sob a influência dos estilos arquitetônicos. Para cada tipo de construção, um estilo correspondente. As construções sobre alinhamento apresentavam uma decoração característica (que não correspondia a um padrão definido) ou uma simplificação plástica; os sobrados em meio a jardins seguiam os modelos pitorescos das vilas e adotavam qualquer estilo desejado; as residências térreas isoladas no terreno de preferência faziam referência à arquitetura de uma região definida (os neo-coloniais...); os edifícios públicos ou em altura eram modernos (funcionais).

Apenas um, entre todos os estilos, foi encontrado em todos os tipos de construção (sobre o alinhamento, sobrados ajardinados, casas térreas isoladas, edifícios públicos): o moderno. O modernismo, na arquitetura pelotense, surge e se desenvolve, até 1949, apenas como mais uma opção estilística disponível, entre todas já existentes.

Assim, é importante concluir que:

1. A implantação da arquitetura moderna em Pelotas não representou um rompimento radical com os preceitos ecléticos;
2. O modernismo na arquitetura pelotense não teria sido viável sem as contribuições do ecletismo;
3. A decadência da arquitetura eclética e a sua conseqüente simplificação formal é mais decorrência de uma crise econômica do que da idéia de implantação de uma nova arquitetura;

4. A implantação de preceitos da arquitetura moderna em Pelotas foi influenciada por uma série de fatores que incluem questões de moda (modismo) e do surgimento de novos programas arquitetônicos (como os edifícios em altura e os postos de abastecimento);

5. Não se pode falar em uma arquitetura de origem corbusieana, em Pelotas, nas décadas de 30 e 40.

NOTAS

1 Com o objetivo de identificar dados e elaborar um estudo abrangente sobre a produção arquitetônica de Pelotas, foram estudados cerca de oito mil projetos arquitetônicos arquivados na Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente: 318 de 1895 até 1899, 4425 de 1900 até 1929 e 3509 de 1930 até 1949.

2 O Edifício Glória foi projetado pela firma Dahme, Conceição & Cia. O projeto original previa cinco pavimentos. O último pavimento só veio a ser construído em 1946.

3 Virtual no sentido de “que equivale a outro, ou podendo fazer às vezes deste”.

4 PELOTAS. *Código de Construções*. Pelotas: Intendência Municipal: Diário Popular, 1930.

5 REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p.78.

6 CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. *Dicionário da arquitetura brasileira*. São Paulo: EDART, 1972, p.69.

7 Através da análise dos projetos arquivados na Prefeitura Municipal de Pelotas, foi possível estabelecer uma divisão — didática — da arquitetura pelotense em quatro períodos: o Colonial (1758-1850), o Primeiro Eclético (1850-1900), o Segundo Eclético (1900-1930) e o Terceiro Eclético ou Primeiro Moderno (1930-1950).

8 BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981, p. 376-377.

9 COMAS, Carlos E. D. Uma certa arquitetura moderna brasileira: experiência a reconhecer. *Arquitetura Revista*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 22-28, 1978.

Andrey Rosenthal Schlee

Formado em Arquitetura e Urbanismo pela UFPel (1987). Mestre em Teoria, História e Crítica da Arquitetura pelo PROPAP/UFRGS (1994) e Doutor em História da Arquitetura pela FAU/USP (1999). Desde 1995, é professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSM.